

*águas abundantes de um
planeta recém-nascido*



*águas abundantes de um
planeta recém-nascido*

kah dantas



*Para Flávio Pereira Senra,
todos os poemas deste livro*



*Este caderno de poesia nasceu dum amor
enclausurado durante a pandemia da Covid-19.*



*“Beije-me ele com os beijos da sua boca; porque
melhor é o seu amor do que o vinho.”*

(Cânticos 1:2)

*“Tu arrebatas os caminhos da minha solidão como
se toda a casa ardesse pousada na noite.”*

(Herberto Helder)

“O amor é uma rede lançada sobre a eternidade”

(Zygmunt Bauman)



I

Eu encontrei este amor no meio do caos
Das paisagens a distância
Das cidades fechadas
Dos sorrisos invisíveis
E das mãos que não se davam
Já quase enfadada das traquinações amorosas
Em tempo de recusar convites e encerrar hospedagens
Que os dias pareciam bons para eu estar só comigo

Apesar do peso dos grãos de poeira à fresta de luz

Por isso eu sei que não foi menos que um clarão de estrelas
Ofuscando as faíscas terrenas
Que fomos deuses desde o princípio e sabíamos
Entalhados em matéria duma espécie celeste
Mas nunca assombrados
Como se a vida toda nos tivesse ensinado para isso
Alguma supernova cujo brilho nunca cessa
Fulgores desde o verde infindo dos seus olhos

Águas abundantes de um planeta recém-nascido

II

Antes do princípio do beijo, a pele já murmurava as rezas
Em verdade adorando
A língua confessando o corpo glorioso
Dormindo o sono de quem se deita no céu
Sonhando o sonho de quem acaba
de ter a primeira esperança

E ainda não conhece a dor

Eu sempre quis amar assim, eu diria, dias e certezas depois
Mas nunca me deixaram
Até que você. E ponto.
Até que você. Definitivo.
Amor sem dor, eu me lembro de ter explicado, os
olhos cheios de lágrimas, o vinho ardendo no peito

E você me escutou

III

Todos os poemas não bastam
Nem os versos e salmos
E cancioneiros em todas as línguas
Para dizer os excessos com que te amo
As imensidões de pele
A perfumaria vertiginosa

Os sabores sempre novos para os grandes apetites

Eu assim te encontrei
E te quis para ser meu amigo
E eu assim te amei
Íntimo no meu espírito
Não por querer ou buscar
Mas de graça, dando graças

Sob os olhares de todos os anjos

IV

Doutro modo não sei viver, senão beirando precipícios
E desta vez que me parece certo o salto
Sem o temor da queda
E da solidão do asilo
Por isso mesmo, desde o alto eu brindo:
Que seja longo, o abismo!

V

São nossas todas as canções de amor, eu sei
Como se na pele dilatada não me coubesse mais o ser
Incendiado nas ardorosas aflições
De tanto e muito te querer

O calor queimando os meus lábios de sede
A cabeça molhada recostada na parede úmida
Enquanto as águas deslizavam quentes feito palavra tua
Os últimos raios de sol dançando sobre a carne túmida

Entranhei dois dedos nas labaredas mais escuras
Acariciando a imagem além do sonho incandescente
E cerrei os olhos ao som das notas que modulavam
Retraíndo o ventre da saudade soberana e indecente

Por isso sobrevivo e entorno este poema, eu sei
Não para que saibas que são nossas todas as canções de amor
Mas para que concebas neste o banho mais febril:
Toda hora é brasa, toda hora é lava, agora que te vivo, amor

VI

Eu me vi no espelho como se de cima do
monte o meu corpo todo te olhasse
As minhas cicatrizes inquirindo a tua chegada
Quando eu congreguei os deuses e as deusas
Para celebrar o encontro com a tua alma

As tuas mãos pareciam direções seguras
E eu levei os pés até a ponta do abismo
Desde a noite revelado pelos ecos da tua voz
E pelo assombroso verde dos teus precipícios

Cuidado!, eu ouvi na minha própria voz
Mas só a luz importava
Feito guidão mágico para a terra prometida
Onde eu me ajoelhei e recolhi
Sobre o chão adorado

Do teu corpo o leite
Da tua boca o mel